

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PERINTINS-CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

ADONELMAR CORRÊA NUNES

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA
NA FORMAÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA DA CRIANÇA

Parintins-Am

2018

ADONELMAR CORRÊA NUNES

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA
NA FORMAÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção final do título de Graduação, pelo curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

Orientadora: Me. Delma Pacheco Sicsú

Parintins-Am

2018

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DOS CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA NA FORMAÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA DA CRIANÇA

Adonelmar Corrêa Nunes (UEA) ¹

Delma Pacheco Sicsú (UEA) ²

Resumo: A literatura infantil carrega consigo mensagens que são passadas para as crianças em forma de adaptações nos contos de fadas. A família como via direta dessas crianças algumas vezes embebem-se desses contos para aconselhar a criança de forma eufêmica para não ferir o psíquico do pequeno. Percebendo esse ponto positivo nas entrelinhas dos contos de fadas, este trabalho tem o objetivo de mostrar a importância da leitura dos contos de fadas em sala de aula na formação crítica e reflexiva das crianças.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Contos de Fadas e Leitura; Crítica e Reflexão.

Introdução

A literatura infantil nos dias atuais é olhada de forma menos preconceituosa, mas nem sempre foi assim. Houve tempos que era denominada de literatura menor por estar direcionada ao público infantil; em pensar que essa categoria não tinha a concepção de analisar os fatos da época. Dessa forma, havia uma desvalorização da obra escrita para a criança, apesar de intrinsecamente conter realidades decorrentes do período.

Antes de ser designada como obra de cunho infantil, os contos de fadas pertenciam a uma literatura que não fazia diferença entre adultos e crianças, as produções eram publicadas tanto para um quanto para outro. As histórias eram contadas de forma assustadora e as crianças as ouviam indiscriminadamente, o que deixava evidente a carência de preocupação com o psíquico infantil. Cientes que a mesma obra ou oralidade voltada para o adulto também era direcionada à criança, levou os autores a pensar no público infantil e traçar uma ponte comunicativa, adaptando as histórias. O francês *Charles Perrault* adaptou alguns contos com o objetivo de esse gênero ser mais aceito na sociedade; mais adiante, os Irmãos *Grimm* e o

¹ Acadêmico do 8º período do curso Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas, CESP/UEA.

² Profª Me. Delma Pacheco Sicsú do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas, CESP/UEA.

dinamarquês *Hans Christian Andersen* também o fizeram, mas sempre com uma *moral da história* no final, ou seja, cunho pedagógico.

Adaptar o conteúdo adulto para a linguagem infantil não tornou literatura voltada às crianças menos importante, mas sim uma leitura proveitosa nutrida de valores morais e reflexões daquilo que o texto intenciona revelar. Ao lermos uma estória infantil de forma profunda e reflexiva nos deparamos com valores morais intrínsecos; essa camuflagem é bastante evidente nos contos de fadas. Adaptado para diferenciar da literatura voltada para os adultos e não deixar transparecer a realidade de forma direta no texto, incluiu junto a essa roupagem ficcional as princesas, príncipes e bruxas, para ocultar os fatos da época e não ferir o imaginário da criança.

Hoje, a literatura infantil carrega consigo valores morais significativos para a vida dos pequenos, por isso a leitura do conto de fadas faz criança ativar seu senso crítico, provocando-a a refletir e imaginar o mundo retratado nas histórias.

Diante do exposto, objetiva-se, portanto, mostrar a importância da leitura dos contos de fadas em sala de aula na formação crítica e reflexiva da criança no contexto escolar.

A Importância da Leitura dos Contos de Fadas

Quando a leitura é voltada para as criança, é preciso provocar nelas um momento de reflexão, antes e depois desta. Esse momento é essencial para a formação cognitiva infantil, pois pode influenciar na sua formação crítica e reflexiva. De acordo com Ferreira; Rosa (s/d, p. 429), “nos três últimos anos do ensino fundamental é mais comum o cantinho da leitura [...]”. Para a ‘autora’, esse momento é importante para criança desenvolver seu senso crítico. Nessa etapa sua cognição começa a expandir, dando sentido àquilo que anteriormente para ela era somente uma leitura. Conforme afirma Solé (1998, p.40), ao ler o leitor compreende “[...] porque está realizando um importante esforço cognitivo durante a leitura – e conste que isso não acontece apenas com este texto, mas com qualquer outro que cair em suas mãos [...]”.

Para que isso ocorra de maneira significativa na psique pueril, é preciso que o educador tenha toda uma técnica que envolva a criança no decorrer da leitura ou contação das histórias. Segundo Abramovich (1997, p. 21, grifo do autor),

[...] é bom que quem esteja contando crie todo um clima de envolvimento, de encanto... Que saiba dar as pausas, criar os intervalos, respeitar o tempo para o imaginário de cada criança construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... [...] É

BOM EVITAR AS DESCRIÇÕES IMENSAS DE DETALHES, deixando o campo mais aberto para o imaginário da criança [...].

A autora mostra o brilho que o narrador dá para leitura, independente do gênero literário. A maneira como a leitura é levada à criança ajuda-a a desenvolver o cognitivo, conforme corrobora Solé (1998). Para que essa ação induza o pequeno entrar no mundo imaginário, o narrador deve incorporar os personagens da história a fim de motivar o ouvinte a fazer parte da história; tornando a leitura prazerosa e produtiva tanto pelo emissor quanto pelo ouvinte.

A leitura tem, pois uma importância grandiosa na formação do intelecto da criança. Lendo, esta verá o mundo de outra forma, podendo assim, expressar suas opiniões e até mesmo sobressair de uma situação desagradável, visto que a leitura é conhecimento. De porte da leitura, a criança estará um passo à frente dos acontecimentos futuros e esse entendimento poderá ser o norte para solução de seus conflitos internos. Sendo assim, nos primeiros anos iniciais do Ensino Fundamental é importante que a criança seja instigada a ler, não qualquer leitura, mas aquela que não corrompa seu intelecto moral; pois, conforme afirma Bastos (2015, p. 24):

Todos nós temos memórias e experiências vividas na infância. Elas estão vivas em nossas memórias, lugares e pessoas que fizeram parte de nossas vidas em momentos importantes, como uma simples brincadeira de rua, a partir da qual buscamos entender nossa biografia. Recordarmo-nos desses momentos e lugares repletos de saudades e alegrias.

Ao promover a leitura com os alunos, os educadores devem saber escolhê-las e como contá-la, sempre preservando o intelecto do educando. Abramovich (1997) explana sobre os fatos ocorridos na infância e descreve o primeiro contato de compreender o mundo através do livro; mas não qualquer livro didático, mas sim aqueles que ajudam o leitor a pensar. A autora fala também das adaptações dos personagens que a mãe fazia e utilizava-os para passar uma ilustração com objetivo de fazê-la compreender algo sem ferir sua psique.

[...] lembro de sua voz contando “João e Maria” e das várias adaptações que criava em relação a casa da bruxa, sempre sendo construída com todas as comidas que eu gostava... Havia outras onde eu era a personagem principal, que ela ia inventando ao sabor dos acontecimentos de cada dia... Um salgueiro que ela dizia chama-se Fanny por que chorava muito [...] e até hoje recordo da minha genuína decepção ao descobrir que não era igual ao meu nome da tal árvore... Me acalentava com variações de a “Mindinha”, de Andersen, que eu adorava por ser uma personagem petinha de tamanho, como eu, e todos os objetos que a cercavam serem diminuto (ABRAMOVICH, 1997, p. 10-11).

Ao ler ou contar estórias para as crianças o narrador nunca deve revelar o real sentido do texto, mas também não deve poupar a criança das estórias originais; a interpretação e a fantasia ficam por conta da criança e o contador deve evitar detalhes para não impedir a imaginação do pequeno. A narrativa deve ser feita sim com a intenção de falar o não dito, ou seja, aquilo que queremos aconselhar, mas jamais dizer exatamente o sentido literal da história. Nesse sentido, os contos de fadas ajudam no desenvolvimento da percepção infantil por incluir comunicações importantes acerca dos acontecimentos do hoje e do amanhã e podem servir como proteção para os pequeninos. Bastos (2015, p. 29) enfatiza que,

Os contos de fadas caracterizam-se por possuir uma simbologia fixa, já estruturada, com personagens simples e fáceis de serem compreendidos pelas crianças. Entretanto, o que garante o sucesso dos contos de fadas (das versões que contamos atualmente), entre as crianças, é a utilização de problemas reais e o final sempre feliz, facilitando assim a identificação da criança com as histórias.

É importante frisar que os contos possuem uma perspectiva no comportamento humano diante de uma situação. “O conto psicológico que tem em Machado de Assis o seu melhor e maior representante, busca no ser humano o seu tema, desenvolvendo os conflitos internos do homem em qualquer situação” (PAZ, 2015, p. 264). Sendo assim, podemos refletir que os contos possuem um fato por detrás do texto. Nesse segmento, nota-se que Machado de Assis encontra no homem uma realidade intrínseca e por meio deste busca os fatos inerentes na sociedade. Nesse sentido, percebe-se que a leitura não é somente compreender um texto escrito, já que esta abrange um conjunto de fatores que inclui o leitor dentro do texto. Segundo afirmam Musialak e Robaszkiewicz (2013, p. 4): “Somente o passar de olhos pela linha não é leitura, pois leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor, no seu passado, de lembranças e conhecimentos, daqueles que são relevantes para a compreensão de um texto que fornece pistas e sugere caminhos”.

Através dessa reflexão, que expõe a autora, nota-se que o conhecimento empírico ajuda o leitor a relacionar o mundo ao seu redor com o texto lido. Assim sendo, cada leitor tem uma interpretação diferente do mesmo texto, pelo fato dos conhecimentos adquiridos serem individuais e a experiência de vida também serem únicas.

Segundo Bettelheim (1980, p. 12), os contos modernos não ajudam a criança a se desenvolver psiquicamente como deveria:

Os livros e cartilhas onde aprende ler na escola são destinados ao ensino das habilidades necessárias, independentemente do significado. A maioria chamada “literatura infantil” tenta divertir ou informar, ou as duas coisas. Mas grande parte

destes livros são tão superficiais em substância que pouco significado pode-se obter deles. A aquisição de habilidade, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida.

Segundo o psicanalista, existe uma negatividade que abrange grande parte da literatura moderna voltada para desenvolver a característica moral da criança; para o autor, esta não supre às necessidades das quais realmente a criança carece para desenvolver seu psíquico e resolver seus problemas internos, uma vez que as obras infantis atuais escondem problemas existenciais da criança e as confundem, e dessa forma, o pequeno não tem como importante uma estória que não deixa brechas para sua imaginação. Conforme corrobora Bettelleim (1980, p. 18): “Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles [...]”. Sendo assim a criança cresce retraída e deixa de transparecer seus sentimentos por meios de palavras.

Realidade e ficção dos contos de fadas

Conforme o dicionário da Língua portuguesa, *ficção* é o “ato ou efeito de fingir; simulação, fingimento. Criação ou invenção de coisas imaginárias; fantasia” (FERREIRA, 1999, p. 898). Por conta desse conceito, há quem diga que os contos de fadas são histórias contadas para iludir alguém que não conhece a realidade; outros dizem que são narrativas utópicas impregnadas de magia e algo inexistente. O termo fada vem latim *fatum* que significa destino, fatalidade etc.; entretanto, podemos perceber a veracidade que os contos de fadas transportam nas entrelinhas das narrativas.

Ler ou assistir um filme sobre um conto de fada, de forma reflexiva, ativa o raciocínio crítico e a percepção exata daquilo que a leitura ou filme transmite. Nessa perspectiva, Freitas (2016) nos convence que não só os contos de fadas, mas a leitura da literatura, ativa nossos campos sensoriais e expande nosso ponto de vista acerca do mundo que vivemos e a sociedade qual estamos inseridos.

Os contos de fadas são formados por personagens maravilhosos, têm magia e sempre têm um final feliz, que atrai a criança e incentiva a prática da leitura. Ao serem lidos, contados ou assistidos os contos são improváveis, a história não é verdadeira, mas poderia ser. Esse faz de conta remete-se a realidade presente nas entrelinhas do texto, transformando-os em fatos quando embasado em acontecimentos históricos ou experiências vividas. Em função disso, não podemos descartar a prática da leitura desse gênero literário que estimula a criança

a interpretar o mundo em sua volta. Sarzi (2016, p. 1) contribui com essa concepção ao dizer que, “a literatura infantil, através dos contos de fadas, é capaz de desenvolver nas crianças a criatividade, a imaginação, o conhecimento e a atenção, além de prepará-las para a aprendizagem da leitura de maneira lúdica e criativa”. Embora tenha significado oculto, os contos de fadas ajudam a criança a lidar com as lutas internas preparando-as em seu crescimento cognitivo. Mas para que os pequenos leitores exercitem essa prática com satisfação é preciso quebrar as barreiras que obstruem a compreensão deles.

Quanto aos empecilhos que bloqueiam a concepção das crianças, um desses problemas é: “Usar o texto como pretexto para explicar fenômenos da língua, [...] prática comum na maioria dos livros didáticos e na conduta de alguns professores” (FREITAS, 2016 p. 1). Esse método de ensino, segundo a autora, anula a imaginação da criança que fica focada em apenas descobrir conceito sobre a língua, pula a mensagem nas entrelinhas do conto e acaba mais adiante achando o texto chato e perdendo o gosto pela leitura.

Crítica Literária da Estética da Recepção dos Contos de Fadas

Para chegar a uma reflexão de como os contos de fadas estão sendo passados pelos educadores e recepcionados em sala de aula pelos educandos, precisamos conhecer a crítica literária na perspectiva da estética da recepção dos contos de fadas. Nesse sentido, Sicsú (2017, p. 31) corrobora que a “estética da recepção contempla a participação dos alunos como construtores de sentidos múltiplos, pois cada leitor é diferente, logo cada leitura também será diferente [...]”. Para a autora as obras podem não ser de autoria do leitor, mas pertencem por meio das percepções por dialogar com esses no momento da decodificação, fazendo esse incluir-se no texto lido, provocando neles indagações que o direcionam para novos horizontes.

Quanto às obras da literatura infantojuvenil, Zilberman (2003, p. 16, grifo nosso) afirma que para chegar a essa diferença de faixa etária a literatura voltada para os pequenos passou por várias mudanças: “Foram as modificações acontecidas no século XVIII que *propiciaram a ascensão de modalidades culturais* como a escola com sua organização atual e o gênero literário dirigido ao jovem”. Antes disso, as obras não eram escritas para os pequenos; a infância era inexistente e careceu passar por transformações e esforços para se consolidar. Na concepção de Sicsú (2007, p. 27),

Tais mudanças, contudo, só são possíveis se aliada à prática estiver também a teoria, que dá suporte não apenas para a compreensão da importância da crítica da literatura infanto-juvenil como também para o reconhecimento desta literatura como textos

carregados de significados que permitem aos leitores não apenas a leitura de deleite, mas também a leitura reflexiva e crítica.

Para autora não basta apenas decodificar as palavras do texto; é preciso ir além. Ela deixa claro que o leitor precisa sair do texto, refletindo, criticando e produzindo sentidos. Nas instituições de ensino, os professores precisam estar preparados para mediar a leitura, incentivando os alunos a praticá-la de várias formas, seja ela reflexiva, crítica ou não. O importante é que o mediador oriente o educando a ver além do texto para leitura não ficar somente na superficialidade.

Metodologia

De modo geral, a metodologia está relacionada com os meios e procedimentos que direciona a realização de uma tarefa a ser cumprida. É, portanto, por meio desta ferramenta que o pesquisador encontrará caminhos que ajudarão a desenvolver e efetivar a pesquisa. Por isso, a escolha adequada das técnicas metodológicas é fundamental para que a problemática levantada seja compreendida e se encontre caminhos para saná-la. “O método é um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores, em qualquer área de sua formação, orientação geral que facilita planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar os resultados” (FACHIN, 2006, p. 29). Sem a organização da metodologia, torna-se difícil a prática do trabalho de qualquer natureza.

Partindo da temática da área de conhecimento e por tratar de uma pesquisa que atende diferentes sujeitos e suas subjetividades a natureza da pesquisa adequada foi de abordagem qualitativa. Para Figueredo (2009, p. 96), esse tipo de pesquisa: “Está direcionada para investigação dos significados das relações humanas, em que suas ações são influenciadas pelas emoções e/ou sentimentos aflorados diante das situações vivenciadas no dia-a-dia”.

No que se refere à escolha dos métodos, a presente pesquisa toma como técnicas de abordagem o dialético, pelo fato de esse tipo de procedimento não estar preocupado na quantidade de conceitos semelhantes, mas privilegiar o ponto de vista dessemelhante do pesquisado. Gil (2008) declara que essa técnica de abordagem é um termo clássico e era utilizado para demonstrar um assunto de maneira argumentativa para chegar à razão, ou seja, um raciocínio coerente.

Dado que o termo dialética exige através da argumentação a interpretação dos fatos ocorridos dentro de um grupo e não somente do indivíduo isoladamente, o método de procedimentos para a pesquisa é o estudo de caso. Fonseca (2010, p. 104) afirma que o estudo

de caso: “É o método que analisa o estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupo ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. É muito utilizado nas pesquisas sociais”.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve sujeitos e suas respectivas recepções com os contos de fadas, o tipo de pesquisa em questão é a de campo. Esse tipo de procedimento tem como objetivo observar os fenômenos que ocorrem entre os indivíduos, comunidades ou grupos assim como os estudos de caso. Segundo Gil (2006, p. 53), “o estudo de campo, estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação entre os componentes. Dessa forma o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”. Para Fonseca (2010, p.70), nesse tipo de pesquisa: “O pesquisador efetua a coleta de dados diretamente no local da ocorrência dos fenômenos. [...] são utilizadas técnicas específicas como a observação direta, aplicação de questionário, os formulários e entrevistas”.

Por se tratar de uma pesquisa de campo, um método que requer bastante observação dos fatos, o pesquisador utilizou o questionário como técnica para coletar os dados, pois essa ferramenta é aproveitada para compreender uma problemática através de respostas dos indivíduos. “O questionário consiste em um elemento de questões que são submetidas a certo número de pessoas com o intuito de se coletar informações. E, para que a coleta de informações seja significativa, é importante verificar como, quando obtê-las” (FACHIN, 2006, p. 158). Sendo assim, as perguntas foram aplicadas de forma indireta deixando os indivíduos à vontade para responder, sem interferência do pesquisador; assim, chegaria a uma conclusão acerca da percepção dos alunos sobre a leitura dos contos de fadas em sala de aula.

Descrição da Escola de Campo

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública estadual do município de Parintins. Com imóvel cedido através de convênio é legalmente mantida e administrada pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura, a qual foi oficialmente vinculada pelo Decreto nº 4.870 de 24.03.1980.

Atendendo alunos do Bairro São José, São Benedito, Itaguatinga, Djard Vieira, João Novo, Itaúna I e II e Bairro da União, assim como, Paulo Correa, Comunidade de Aninga, Parananema, Macurany e redondezas, é uma escola que enfrenta dificuldades na recepção de alunos das periferias do município. A escola atende o Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano,

Ensino Médio, na modalidade da Educação de jovens e Adultos – EJA e presta atendimento aos alunos de necessidades especiais desta e de outras escolas. Atualmente o educandário atende uma demanda de 830 alunos distribuídos nos turnos Matutino, Vespertino e Noturno. Os dados da escola foram cedidos pelos seus gestores.

Apresentação e Análise de Dados

Esse tópico diz respeito à análise dados, coletados numa Escola da rede pública Estadual situada no Município de Parintins na turma do 6º ano. Sabe-se que o objetivo central do trabalho é coletar informações na perspectiva de constatar a importância da leitura dos contos de fadas, em sala de aula na formação crítico e reflexiva da criança.

Tendo em vista objetivo da pesquisa, foi elaborado um questionário de seis questões, das quais partiam desde o conhecimento dos alunos acerca dos contos de fadas até a importância da leitura desses contos em sala de aula. As perguntas aplicadas eram abertas e os alunos ficaram à vontade para respondê-las com suas próprias palavras. Para que não houvesse interferência de outros colegas no momento das respostas e o pesquisador fez-se presente no andamento da coleta de dados. Após a entrega do questionário, houve a contação de três contos clássicos: *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria*. O objetivo de contar essas histórias foi para instigar o aluno socializar uma história de sua lembrança. Após narrar às histórias, analisou-se a mensagem nas entrelinhas do conto juntamente com os alunos. Para essa coleta foram utilizadas duas aulas.

Conhecimento dos Contos de Fadas

Sabe-se através das pesquisas realizadas neste item que os contos de fadas são importantes para formação dos preceitos das crianças. Partindo desse ponto de vista significativo, a primeira pergunta do questionário indagou ao aluno, se ele tinha conhecimento dos contos de fadas. Nessa primeira pergunta, todos os alunos responderam que sim, conheciam os contos de fadas ou não. Para melhores detalhes foi elaborado um quadro com os dados obtidos.

Quadro 1. Conhecimento do aluno sobre os contos de fadas

Total de questionados 26	Respostas positivas 26	Respostas negativas X	Não respondeu x
------------------------------------	----------------------------------	---------------------------------	---------------------------

Fonte: NUNES – 2018.

Conforme aponta o quadro acima, os vinte e seis alunos responderam positivamente ter esse conhecimento dos contos de fadas, pois alguém de alguma forma contou-lhes uma estória. Diante desses dados compreende que a divulgação dos contos de fadas vem sendo apresentadas de forma direta ou não.

Para Bastos (2015, p. 16), não é somente responsabilidade de a escola zelar pelo incentivo à leitura das crianças, a família do mesmo modo deve ter o mesmo comprometimento com os pequenos. Para a autora, “o encantamento pelos livros somente será efetivo se houver estímulo tanto no ambiente familiar, especialmente no recorte dos contos de fadas quanto no escolar”.

Levando em consideração a posição da autora a respeito do comprometimento da família e a escola ao fazer ler a criança, percebeu-se que de alguma forma no educandário pesquisado os alunos possuem conhecimento sobre os contos de fadas.

O mediador da leitura e a contação das estórias

A primeira pergunta dirigida aos alunos tinha o objetivo de saber se conheciam ou não os contos de fadas. Todos responderam ter o conhecimento dos contos. Assim, dando importância sobre esse conhecimento por parte dos alunos, perguntou-se então através de quem eles passaram a conhecer os contos de fadas. O quadro abaixo mostra os seguintes resultados.

Quadro 2. Responsável por despertar o conhecimento dos contos de fadas na criança

Total de entrevistados	Televisão	Avós	Pai	Mãe	Professor	Não lembra quem contou	Não respondeu
26	3	5	3	7	3	2	3

Fonte: Nunes – 2018.

O quadro demonstra que foram vinte e seis alunos interrogados, percebe-se nas respostas do alunado que a mãe é a mais que conta histórias para criança; os avós são a segunda via mais identificada. Caso incluísse pai, mãe e avós em um grupo ficaria evidente a hegemonia da família na propagação dos contos para os pequenos.

Abramovich (1997, p. 16 grifo do autor) trata sobre a proeminência da família nas narrações dos contos de fadas para as crianças ao dizer que: “O PRIMEIRO CONTATO DA CRIANÇA COM UM TEXTO É FEITO ORALMENTE, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trecho da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), [...]”. As palavras de Abramovich de fato colocam a família com um notável valor nas narrativas das estórias infantis.

Embora dois alunos tenham se manifestado *não lembrar quem contou* as estórias e outros três *não responderem* a pergunta, não significa que isso não seja importante para eles. A respeito disso, Bastos (2015) afirma que todos nós temos sim lembranças boas de nossa infância. Do contrário, essa carência de lembrança e a não disposição para se prontificar por parte das crianças, não afirma qualquer incompetência dos professores no jardim de infância nem muito menos ausência das narrativas dos contos de fadas em sala de aula. Por outro lado, o professor precisa recorrer a metodologias que facilitem a compreensão dos alunos para que essas estórias contadas fiquem na memória deles. Segundo Bettelheim (1980), o narrador deve evitar detalhes na hora da contação, deixando espaço para criança imaginar o cenário e criar seu mostro. Nesse sentido, método adequado seria contar os contos originais e deixar que os alunos interpretem a maneira deles, conforme seu entendimento, para evitar que a interpretação do professor não rompa a significância da estória de fadas para criança.

Gostar ou não dos contos de fadas

A segunda questão perguntou aos alunos quem havia contado as histórias para eles e quem os tornou conhecedores dos contos de fadas. Nas respostas obtidas pela maioria dos educandos, a mãe é a que mais conta histórias para os filhos.

Sabendo dessa questão importante, foi indagado ao aluno se ele gostava ou não dos contos de fadas. A questão pedia a justificativa da resposta. Dos vinte e seis questionados sobre o afeiçoamento pelos contos de fadas, a maioria dos alunos, dezoito deles, respondeu que achavam legal; outros três disseram gostar mais ou menos e cinco responderam não gostar. Para enfatizar os números de respostas obtidas pelos alunos, foi elaborado um quadro para melhor compreensão. No quadro faz-se presente, algumas respostas dos alunos para serem embasadas teoricamente.

Quadro 3. **Por que gostar ou não dos contos de fadas**

Legal

<p>18</p> <p>Resposta dos alunos</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Por que é tipo muito divertido e legal tem varias coisas boas e ruim e entendi o lado certo e o errado.” • “Sim, por quê é legal e a criança aprende muitas coisas.” • “Sim, porque eu acho muito legal história (imaginação) e também de estória (fato real)”. • “sim. Por que e muito emoção e coragem dos personagem. Como os três porquinho.”
<p>Mais ou Menos</p> <p>3</p> <p>Respostas dos alunos</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Não muito porque a maioria de contos de fadas são para meninas” • “não! mais vai bem o final do comto porque tudo termina bem, mais gosto de um pouco de maldade no fiume ou comtos de fadas, se não o conto fica chato né.” • “Não muito porque a maior camtos de fadas são paras as meninas”.
<p>Não Gosta</p> <p>5</p> <p>Respostas dos alunos</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Não, por que eu acho que é estória para crianas de 7 ou 8 anos”. • “Quando era pequena; eu achava divertido as vezes eu lia uma vez no ano mas como eu cresce não faço nenhuma questão agora!”

Fonte: Nunes – 2018.

Dentre os dezoito alunos que disseram achar os contos de fadas *legal*, foram selecionados quatro falas para análise. Importante ressaltar que as respostas dos alunos foram transcritas tal qual os alunos escreveram. Observou-se nas respostas que os alunos gostam dos contos de fadas pelo fato de, nas entrelinhas desses contos, fazer-se presente *várias coisas boas e ruins* e deixar transparecer nos contos o lado *certo e errado*. Constatou-se também por meio das respostas que, a *criança aprende muita coisa* com os personagens do conto e, esses, chegando ao ponto de representá-las em algum momento. Nesse sentido Saraiva (2001, p. 48) *Apud* Musialak e Robaszkiewicz (2013, p.7) afirma que: “Os temas dessas obras relacionam-se a vivências infantis (brincadeiras, passeios, pequenas aventuras), aspectos ligados à interioridade das personagens (busca de identidade, insegurança e medos) ou relações interpessoais (desentendimentos familiares e solidariedade)”. Para Bettelheim (1980), a criança se assemelhar com o herói não pelo fato de ele ser bom, mas por que o personagem

tem muito a ver com o que a criança quer ser. Nesse sentido, fica evidente o motivo de a criança se comparar com o personagem do conto ou filme, seja ele bom ou mau.

Quanto aos que disseram gostar *mais ou menos* dos contos de fadas, dois dentre os alunos justificaram que *a maioria dos contos de fadas é para as meninas*; um aluno disse gostar só um pouco porque *tudo termina bem*, mas que ele prefere um *pouco de maldade no final do filme ou contos de fadas*, caso contrário torna-se *chato*.

Transparece no quadro que cinco alunos responderam *não gostar* dos contos de fadas. Ao Justificar sua resposta, um aluno respondeu que os contos de fadas *são para crianças de sete e oito anos*; outro disse, quando era *pequena achava divertido*, mas agora já *está crescida e não faz mais questão*. Isso evidencia existir um fator que faz as crianças pensarem dessa forma, a sociedade.

Segundo Bastos e Nogueira (2016, p. 14), existe uma ruptura que separa o gênero homem e mulher e está impregnada nos indivíduos desde a infância por uma ordem simbólica. Para os autores,

Percebe-se que a divisão binária entre aquilo que constitui o masculino e o feminino é traçada pela sociedade, delimitando estereótipos que se multiplicam e vão sendo incorporados. As crianças, em seu processo de aprendizagem sobre o mundo à sua volta, sobre si mesmas e sobre o outro, vão sendo expostas a estes discursos por meio de mecanismos diversos, sendo um deles os contos de fadas.

Ainda que o quadro mostre a supremacia do gosto pelos contos de fadas e a positividade que esses contos trazem para os pequenos, a minoria que gosta pouco e as que não se interessam pelos contos, em resposta, revelaram estereótipos presentes na concepção das crianças. Assim sendo, esse é um empecilho que precisa ser vencido pelos educadores contemporâneos, uma vez que a sociedade prega uma divisão de gênero até para as leituras.

História de contos de fadas, filmes ou estórias contadas

Considerando que a segunda questão abordou quem foi responsável pela contação de histórias para as crianças e a terceira indagou o motivo dos quais os alunos gostavam ou não dos contos de fadas, perguntou-se ao aluno qual história ele lembrava atualmente de quando era pequenino. Para melhor compreensão dos resultados, foi elaborado um quadro para explicitar as respostas.

Quadro 4. Qual estória lembra terem contado

Não respondeu	Total de entrevistados
2	26
Estórias Assistidas e/ou Contadas	
Malévola	1
Peter-pan	3
Três porquinhos	2
Chapeuzinho vermelho	5
Bela e a Fera	6
Branca de Neve	2
Enrolado	1
Cinderela	3
Bicho papão	1

Fonte: Nunes – 2018.

Diante dos resultados obtidos no quadro acima, nota-se que dos 26 alunos questionados, apenas dois alunos não responderam a pergunta. Das respostas dos discentes, a estória mais lembrada conforme os dados adquiridos são: a Bela e a Fera; Chapeuzinho Vermelho. Julga-se diante das respostas dos alunos que os contos clássicos são os mais lembrados, além do mais, todos os contos estão adaptados para as crianças no cinema, o que na atualidade vem sendo um dos maiores propagadores de histórias infantis.

Para Bastos (2015), na atualidade a criança é deslumbrada com variadas formas de informações, o que facilita a compreensão das coisas de maneira mais rápida significativa. Para autora, assim como um bom livro passa um prazer para esses pequenos, da mesma maneira um bom filme faz a criança ativar sua imaginação e se identificar com o personagem de um conto de fada.

Apesar de os dados do quadro 2, mostrar que a família é a ponte mediadora para o conhecimento dos contos de fadas na infância e a televisão não ser mencionada pela maioria dos alunos como meio de divulgação dos contos, no quadro 4 percebe-se que pelas adaptações o que o cinema vem fazendo dos contos de fadas. Conforme afirmou a autora, o cinema hoje é sim também um dos maiores divulgadores dos contos de fadas para as crianças.

Reflexão do filme e estória contada

A quarta pergunta visou saber qual a estória mais lembrada pelos alunos; o resultado individual e somado, mostrou que “A Bela e a Fera” e “Chapeuzinho Vermelho” são os contos mais lembrados. Compreendendo que cada indivíduo teria sua resposta acerca da história que lembrava na infância, a quinta pergunta objetivou ter conhecimento da reflexão que a estórias passou quando ele assistiu, leu ou alguém contou para ele. Sendo assim, perguntou ao aluno: O que ele pensou sobre o filme, o que a leitura ou mãe queriam falar para ele quando estava contando a estória. Para ter conhecimento das respostas do estudante, o quadro abaixo exhibe 6 estórias lembradas pelos alunado e cada uma revela a reflexão que aluno adquiriu quando teve conhecimento da narrativa.

Quadro 5. Reflexão do Filme com base nas Respostas dos Alunos

Respostas dos alunos		
Os Três porquinhos	A	“ela falar que os três porquinhos que eu <i>era um dos porco</i> mais um fez a sua casa de pedra mais fui o único que não caio mais ficou tudo bem.”
	B	“Os três porquinhos, eu entendi que <i>nunca deve deixar as coisas importantes para depois e sim a brincadeira</i> por que o 1º porquinho feis a casinha dele de palha e foi brincar e o 2º porquinho feis a casinha dele de madeira e o 3º porquinho como não era preguiçoso ele feis de tijolo e o lobo não consessiguiu derrubar a casinha dele;”
Chapeuzinho vermelho	C	“Que <i>nunca deve acreditar em ninguém.</i> ”
	D	“Falar <i>sobre nosso dia.</i> ”
Bela e a Fera	E	“O poder do <i>amor</i> , eu me imaginei como <i>a fera</i> porque ele era bravo e tinha pena da bela e <i>tentou protejela</i> ”.
	F	“Sobre uma moça que vivia com seu pai maluco ele uma vez viagou, quando ele viu uma castelo vazio ele entrou e viu uma mesa cheia de comida ele comeu, comeu, mas a fera morava lar e pegou ele, vamos pro final, vai ai a <i>bela gosta dele e viverão felizes para sempre.</i> ”
Branca de Neve	G	“Eu penso que a história queria me falar que <i>nunca pode descartar os pequenos.</i> ”
Cinderela	H	“Que a <i>madrasta da cinderela o milhava ela</i> fez ela de empregada só! E <i>fada madrinha tira ela da pior.</i> ”
	I	“Eu assistir quando fui a manaus. Eu <i>achei o filme triste porque os irmãos da cinderela a maltratava</i> muito.
Bicho papão	J	“ <i>pensava que isso existir tenho medo.</i> ”

Fonte: Nunes – 2018.

Percebe-se que cada aluno tem uma reflexão acerca dos contos e estória de suas lembranças, o que enfatiza a importância dos contos de fadas em sala de aula de uma maneira reflexiva. Apesar de pelo menos dois alunos ter assistido o mesmo filme ou ouvido a mesma estória, cada um teve sua interpretação e imaginação acerca dos contos.

O aluno “G” disse algo interessante sobre os anões da *Branca de Neve*: “*Eu penso que a história queria me falar que nunca pode descartar os pequenos*”. Reflete-se na fala que as crianças sentem-se importantes e igual aos personagens dos contos, mesmo em situação de perigo se esse for o caso. Para isso, resta refletir num modo de educar uma criança sem ferir seu intelecto. Nesse caso, a melhor metodologia é comparar elas com os personagens que elas gostam e colocar um ponto positivo entre eles (personagem e criança). Abramovich (1997) traça uma positividade nessa maneira de educar. A autora diz que as maravilhas dos contos estão nas adaptações que o narrador faz, incluindo a criança e comparando com os personagens; fazendo maravilhar-se com as narrativas cheias de coisas boas que ela gosta de comer e criar uma princesa ou um herói com as características da criança.

Como disse Louis Paswels: “quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde”. (ABRAMOVICH, 1997, p.24, grifo do autor)

Nota-se nas reflexões dos alunos que os sentimentos e a imaginação acerca das histórias contadas, assistidas ou lidas não estão ausentes de si. Por outro lado, se fôssemos analisar a coerência das respostas e corrigir os erros ortográficos, os alunos não estavam de parabéns, mas esse não é o objetivo do trabalho. Quanto a essa preocupação na hora de escrever, observou-se durante a aplicação do questionário, que os alunos estavam atentados em escrever corretamente como se eles estivessem sendo avaliados pela ortografia. Essa questão deixou a entender que os textos na maioria das vezes estão sendo usados dentro de sala de aula como pretexto para estudar a língua, conforme já citado neste item.

Ler ou não ler contos de fadas em sala de aula

A quarta pergunta do questionário visou saber qual história o aluno lembrava quando era criança. Sabendo da estória, a quinta pergunta questionou, que moral a mãe, filme ou texto, queria passar para o aluno. Sabendo desses dois pontos importantes, perguntou-se então se o aluno achava importante ler os contos de fadas em sala de aula.

Baseado nas respostas dos alunos percebeu-se que mais da metade dos alunos acham importante ler os contos de fadas em sala de aula, mas não foi um número muito significativo se levado em conta o número de alunos questionados. Para saber a diferença numérica da importância de ler ou não ler os contos de fadas em sala de aula, foi elaborado um quadro abaixo para constata-los.

Quadro 6. **Importância de ler e não ler os contos de fadas em sala de aula**

Importante	15	A	“Sim, porque é para aprender sobre o personagem pelo conto”
		B	“Eu acho que seria bom por que as pessoas iriam se intereçar mais com os contos de fadas”.
		C	“Acho sim, porque é muito importante para todos porque todos os contos de fadas passa uma mensagem que nós temos que levar pro resto da vida, a bela e a fera a Bela foi muito corajosa porque ela cuidou da fera e ela não ficou com medo e que acabou que no final eles se casaram e viveram felizes para sempre”.
Não é importante	11	D	“Não por que em sala de aula agente aprende outras coisas sobre matemática e geografia , ciências, arte e etc”.
		E	“Não, agente samo adolescente e não tem mo graça depois de crescer! Para as crianças menor poderia contar”.
		F	“não eu acho, e so já passou não é do meu tempo, já estou moça agora eu vou contar para minhas irmã né, vamos passa a geração a geração”.

Fonte: Nunes – 2018.

A diferença dos que dizem ser importante ler os contos de fadas em sala de aula para os que não acham ter importância, foi de 4 alunos. Esse dado é um ponto negativo em vista da importância que os contos têm para os alunos e a reflexão que eles adquirem dos contos. Essa negatividade que a leitura dos contos em sala de aula possui na concepção de alguns alunos, é circunstância de leituras mecânicas, pensamentos equivocados acerca dessas práticas e metodologias inadequadas para ler esses contos.

Observa-se nas respostas de alguns alunos que apoiam as leituras de contos de fadas em sala de aula, o benefício que essas leituras trazem para suas vidas quando crianças, uma vez que ao ler, não de forma mecânica, mas reflexiva, o pequeno *leva consigo uma mensagem para o resto da vida*, conforme disse o aluno “D”, ao pensar na Bela preocupar-se com Fera e tratá-la bem.

Nota-se também que as leituras dos contos de fadas em sala de aula estão distanciando-se dos alunos, uma vez que eles acham que *já estão crescidos e passou do tempo*

de lerem esse gênero ou isso *não tem mais graça depois que cresce* e que *na sala de aula tem que aprender outras matérias*. Essas alocações negativas na visão dos alunos que disseram não ser importante a leitura dos contos de fadas em sala de aula, deixa entender que ler contos de fadas em sala e refleti-los é menos importante em vista de outras atividades que não envolvem leitura.

Na visão de Freitas (2016), os educandos jovens assentam diversas dificuldades que impedem a leitura dos textos em sala de aula, um desses empecilhos diz respeito à falta de diálogo com que as obras não têm com eles. “No ensino fundamental (6º ao 9º ano) ainda se enfrenta outro problema. A literatura tem sido utilizada apenas como um texto para estudo de aspectos da linguagem, uma vez que se encontra inserida na área de Língua Portuguesa” (FREITAS, 2016 p. 1).

Embora o questionário tenha revelado um número positivo de alunos que dizem ser importante a leitura dos contos fadas em sala de aula, o lado negativo que disse não gostar é mais da metade dos que apoiam essas leituras. Nesse sentido, percebe-se que os contos estão sendo usados como pretextos para estudar a língua e dessa forma os alunos ficam cada vez mais distantes dessa prática, segundo a visão de Freitas. Corroborando com o ponto de vista da autora, os alunos questionados nesta coleta de dados deixaram transparecer essa preocupação com a língua e a forma de escrever, uma vez que alguns foram diretos nas suas respostas e acabaram por esquecer-se do conteúdo que pretendiam passar.

Considerações Finais

É notório que o conto de fadas transmite para as crianças uma mensagem de motivação através dos personagens. Na maioria das vezes esses personagens são frágeis e passam por diversas dificuldades para realizar seus sonhos, mas sempre terminam felizes para sempre. Esse *felizes para sempre*, pode motivar os pequenos a vencerem seus obstáculos internos tornando-os mais maduros.

Considerando que a Literatura Infantil traçou uma ponte comunicativa com as crianças através de adaptações, constata-se que a divulgação dos contos de fadas baseado na estética da recepção está sendo usada de forma inadequada em algumas instituições de ensino, com metodologias que fazem o aluno verem somente o superficial dos contos focando apenas na língua, menos nas mensagens presentes nas entrelinhas dos contos. Além do mais, nota-se mediante as respostas dos alunos, estereótipos de gênero presentes dentro de sala de aula, dizendo que, os contos de fadas *são para as meninas* e que *já estão crescidos* para ler esse

tipo de texto, quando na verdade esses esse gênero não tem significado algum por que lhes foi tirado à essência.

Apesar da negatividade que soma para o distanciamento de alguns alunos nas práticas da leitura, a família é uma ponte essencial para instigar as crianças a lerem esses contos e ajudar o professor na propagação dessas obras clássicas. Contudo, percebeu-se neste trabalho que, a leitura dos contos de fadas em sala de aula precisa ser mais inserida nas metodologias dos professores para cativar os alunos à prática dessas atividades, levando em consideração a interpretação do aluno para que o texto lido se torne significativo. Nessa perspectiva, conclui-se que esta pesquisa alcançou seus objetivos que era mostrar quão é importante à leitura dos contos de fadas em sala de aula na formação crítica e reflexiva da criança, uma vez que os contos possuem uma mensagem motivadora e que, o significado dessas mensagens servirá de ensinamento que serão revelados quando estiverem crescidas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuas e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BASTOS, Gabriele Miranda. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Brasília, DF, 2015. 1-55. Disponível em: http://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12925/1/2015_GabrieleMirandaBastos.pdf&ved=2ahUKewihgurAvO7bahUOpFkKH Wg2DHEQFjAAegQIA BAB&usg=AOvVaw34bhcWTV4SXiGm0htk3fw. Acesso em: 25 de Jun. 2018.
- BASTOS, R. A. S. M; NOGUEIRA J. R. **Estereótipos de gênero em contos de fadas: uma abordagem histórico-pedagógica**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewfile/13864/9817>. Acesso em: 12 de nov. 2018.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. – 14ª ed. tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. – 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.
- FERREIRA, Alrélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIGUEREDO, Nelbia Maria Almeida de. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. – 3. ed. – São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2009
- FONSECA, Luiz Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. – 4. ed. – Manaus : Editora Valer, 2010

FREITAS, Helem Josy Monteiro de. **“A Leitura dos Classicos em Sala de Aula: uma prática possível.”** Revista Práticas de Linguagem vol. 6, 2016. 1-9

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um Projeto de Pesquisa.** – 4. ed. – 11 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

MUSIALAK , Marli Biesczad e ROBASZKIEWICZ Maria Cristina Fernandez. **“Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE.” Gênero Conto: Possibilidades de uso em sala de aula.** vol. 1, Paraná, 2013. 1-16.

PAZ, Demtrio Alves. **O conto em Língua Portuguesa em sala de aula.** São Paulo: Atlântica, 2015. disponível em: <https://doi.org/10.1160/va.v0i28.98675> . acessado em 23/05/2018

ROSA, Cleia da Silva Ferreira e MARIA A. Lima Piai. **A Literatura Infantil e a Construção de Valores Morais.** s/d. 429-441. acessado em: 23 de 06 de 2018 disponível em: [http://www.uel.br/eventos/semmanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGOS/SABERES %25220E%2520PRATICAS/LITERATURA%2520INFANTIL%2520E%2520a%2520CONS TRUÇAO%2520DE%2520VALORES%2520MORAIS.pdf](http://www.uel.br/eventos/semmanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGOS/SABERES%25220E%2520PRATICAS/LITERATURA%2520INFANTIL%2520E%2520a%2520CONS TRUÇAO%2520DE%2520VALORES%2520MORAIS.pdf).

SARZI, Franciele de Lurdes. **Literatura Infantil.** publicado em: 13 de 06 de 2016. disponível em: http://www.tunapolis.sc.gov.br/uploads/445/arquivos/872156_Franciele_Sarzi.pdf&ved=2ahUkEwi9j5So-7bahWrsIKHZXGBDMQFjAGegQIABA&usg=AOvVaw1HOflobo4wKNzLesUQwe7. acesso em: 24 de Jun. de 2018

SICSÚ, Delma Pacheco; SANTOS, Noelma Cidade dos; PEREIRA, Tatiana Oliveira. **Presença da Literatura Infanto-Juvenil na Escola.** Extensão em Revista, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 25-37, maio de 2017. ISSN 2525-5343. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/extensaoemrevista/article/view/594>. Acesso em: 06 nov. 2018.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura.** Trad. Claudia Schilling – 6ª. ed. Porto Alegre: Artmed,1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 11. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo: Global, 2003.